

A história, a micro-História e a descontinuidade

Fábio Luiz Arruda¹
Doutorando em História /PPGHUFGD
karaiarruda@gmail.com

“(...) as batalhas inscrevem a marca da história sobre matanças sem nome, enquanto que a narrativa faz pedaços de história a partir de simples confrontos de rua” (FOUCAULT, 1977: 217).

Resumo: Este artigo pretende fazer uma análise, de caráter historiográfico, com intuito de compreender a dinâmica na prática historiográfica no período que permeou o entorno das décadas de 1960 a 1980, observando em que medida algumas linhas de pesquisa possuem ou não paralelo, como é o caso micro-história italiana e da descontinuidade presente na obra de Michel Foucault, francês. O título deste trabalho surgiu de duas disciplinas do doutorado que permitiram vislumbrar certo paralelismo entre as propostas, mas que ao fim, como poderá ser constatado, não se mostrou totalmente coerente. Assim, o título serve de *leitmotiv* para o texto, mas não expressa o resultado da investigação.

Palavras-chave: História; Micro-história; Descontinuidade.

Abstract: This article aims at an analysis of historiographical character, aiming to understand the dynamics in historiographical practice in the period that permeated the surroundings of the decades from 1960 to 1980, noting the extent to which some lines of research have or not parallel, as is the case micro-story Italian and this discontinuity in the work of Michel Foucault, French. The title of this work came from two doctoral disciplines that allowed envision certain parallel between the proposals, but at the end, as can be seen, was not totally coherent. The title serves as a *leitmotiv* for text, but does not express the outcome of the investigation.

Key-Words: History; Micro-history; Discontinuity.

Malgrado Giovanni Levi elogiar o artifício de Carlo Ginzburg, para prender o leitor, não evidenciando, de imediato, de que se tratará seu texto (2014: 4), neste artigo, o objetivo já será apresentado de imediato. Trata-se de refletir, dentro de uma perspectiva historiográfica, sobre a relação entre a micro-história italiana e a noção de descontinuidade estabelecida por Foucault, na França. A linha fundamental de investigação gira em torno de alguns dados

¹ Doutorando em História pela Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD e bolsista CAPES/Demanda Social; mestre em Letras pela mesma universidade e graduado em História pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS. Atualmente, é professor de Literatura e Artes no Centro Educacional Luiz Quareli. É integrante da Linha de Pesquisa Fronteira, Identidades e Representações, além de ser editor da Revista História em Reflexão, do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Grande Dourados.

da historiografia que parecem ter condicionado, ou melhor, aberto um caminho para o aparecimento dessas propostas.

Tornado ordinário no meio acadêmico, quase um manual de história, *Domínios da História*, de Ronaldo Vainfas e Ciro Flamarion Cardoso, guarda sua importância, principalmente se se notar o corte paradigmático estabelecido entre as noções de modernos e pós-modernos². A micro-história e a descontinuidade não nascem do nada, houve um terreno semeado que possibilitou seu florescimento no campo da história. Vainfas, com base no livro *A história cultural: entre práticas e representações*, de Roger Chartier, apresenta as modificações que a história sofreu na passagem da direção dos *Annales* de Braudel para Le Goff, das estruturas às mentalidade.

Essa mudança na direção da revista, associada ao prestígio de Lévi-Strauss e sua antropologia estrutural (com importante papel da linguística saussuriana), assim como o aparecimento da obra de Foucault, um pós-estruturalista³, “pôs em xeque os paradigmas do conhecimento científico, o racionalismo e o próprio saber histórico⁴” (VAINFAS, 2011: 125-126). Essas dinâmicas parecem ter favorecido o aparecimento de novas possibilidades de realização do trabalho histórico, entre elas, a micro-história italiana e a arqueologia/genealogia francesa, dirigidas por Foucault.

Parece evidente que ambas as perspectiva tendem a uma redução de escala, saindo de uma tentativa holística para uma produção específica, em obras como: *O queijo e os vermes*, de Carlo Ginzburg, *O retorno de Martin Guerre*, de Natalie Davis, ou *Eu Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão*, organizado por Foucault.

Uma crise da história social (macro)

A proposta de uma história total, cerceada pelo campo da história social, cobiçada tanto pelo lado dos *Annales*, de 1929 a 1968⁵, quanto pelos marxistas⁶, entrou em crise por

²CARDOSO, Ciro Flamarion. “História e paradigmas rivais”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da história: Ensaios de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p.1- 22.

³ Paul Veyne inicia a introdução de seu livro *Foucault: o pensamento e a pessoa* com a assertiva: “Não, Foucault não era um pensador estruturalista. Também não foi fruto de um certo ‘pensamento de 1968’, não era mais relativista do que historicista, nem do gênero de farejar ideologia por toda a parte. (...) ele foi um céptico” (2009: 9).

⁴ Sobre os problemas associados à crise dos princípios do conhecimento histórico, ver: ROIZ, Diogo. *Linguagem, Cultura e Conhecimento Histórico: Ideias, Movimentos, Obras e Autores*. Jundiaí: Paco, 2012. p. 11-26.

⁵ Sobre os *Annales* ver: AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. *Uma história dos Annales (1921-2001)*. Maringá: Eduem, 2004. p. 21-106.

⁶ Existem vários pontos de intercessão entre a historiografia dos *Annales* e a historiografia marxista. Para uma ampliação sobre o tema, ver: CARDOSO, Ciro Flamarion. “História e Paradigmas Rivais”.

vários fatores. Em geral, o fator evocado majoritariamente para justificar a crise desse campo é, devido à história quantitativa e à história serial, a alegação de que tenderam a retirar da história a face humana (CASTRO, 2011: 46)⁷.

No entanto, a historiografia em geral parece dar pouca atenção para alguns dados vinculados aos acontecimentos paralelos às mudanças do campo epistemológico da história, assim como de outras ciências sociais. Carlos Antonio Aguirre Rojas, professor do Instituto de investigações sociais da Universidade Nacional Autónoma do México, atentou para a importância de alguns impactos sofridos pela historiografia frente a algumas mudanças sociais.

Aguirre Rojas, defende que o ano de 1968 foi fundamental para uma guinada na prática historiográfica, pois, segundo ele, se as manifestações de maio/junho de 1968 não lograram sucesso politicamente, o mesmo não é verdade no campo do social⁸ (AGUIRRE ROJAS, 2000: 319). O impacto destas manifestações redirecionou os rumos do próprio conhecimento. Foi um divisor de águas:

Após 1968, todas as fronteiras disciplinares, os métodos específicos, os objetos claramente delimitados e as teorias exclusivas de cada uma dessas ciências sociais particulares começaram a se esvanecer e a revelar os enormes limites cognitivos que sua manutenção implica, impulsionando os cientistas sociais mais lúcidos para a busca de uma nova e mais complexa “unidisciplinariedade” no estudo do histórico social (AGUIRRE ROJAS, 2000: 317-318).

Mais especificamente no campo da historiografia, Aguirre Rojas ainda afirma que se estabeleceu um corte nos enfoques. Se antes da década de 60 o foco recaía sobre a geografia, a economia e a sociologia, da década de 60, em diante, esses campos são relegados ao segundo plano e a prioridade passa a recair sobre a antropologia, a filosofia e

In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da história: Ensaio de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 8-9; AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. *Os Annales e a historiografia francesa: tradições críticas de Marc Bloch a Michel Foucault*. Maringá: Eduem, 2000. p. 25-177.

⁷ Outras críticas, associadas ao processo de fragmentação no campo da história, ver: DOSSE, François. *A História em migalhas: dos Annales à Nova História*. Campinas: UNICAMP, 1994.

⁸ “Ao tornar inoperantes as velhas formas da cultura pré-68 e ao transformar radicalmente o funcionamento das instituições que coadjuvavam essa reprodução cultural, o movimento de 68 modificou também os comportamentos e as dimensões civilizatórias básicas de nossas sociedades, criando novas formas de expressão da sexualidade, novos papéis da mulher na família e na sociedade, um novo esquema de vínculos entre pais e filhos e novas formas de educação e de transmissão dos conhecimentos, enquanto atitudes também inéditas diante do político, diante da natureza e dos diversos modos de aproximar-se dela, novas atitudes e posturas a respeito da alteridade e a respeito do ‘outro’, seja este um outro social, cultural, racial ou de qualquer tipo, assim como novas formas de consciência e de percepção dos distintos âmbitos da realidade social” (AGUIRRE ROJAS, 2000: 318).

a psicologia social (AGUIRRE ROJAS, 2004: 110). Esse período marca o fim das grandes sínteses, assim como o fim da hegemonia historiográfica dos *Annales*⁹.

Carlo Ginzburg também observa que houve fatores externos ao campo disciplinar, que influíram na mudança da prática historiográfica. Entre esses fatores, diferentemente de Aguirre Rojas, Ginzburg destaca as guerras do sudeste asiático e os desastres ecológicos. Esses acontecimentos “levaram a repor em discussão objetivos estratégicos há muito tempo considerados atingidos – e enquanto tais não sujeitos a análise – quer se tratasse do socialismo ou do desenvolvimento tecnológico ilimitado” (1991: 172).

Além desse ponto, é importante avaliar que, para Ginzburg, há uma falência da noção de história universal que, indubitavelmente, orienta para a escala micro, mas que ao mesmo tempo, no caso da Itália, orientam para o mesmo campo que a escola francesa dos *Annales* recorreu para dar conta das novas fontes e dos novos objetos trazidos pela história nova, como o campo da antropologia¹⁰:

O fim da ilusão etnocêntrica (que paradoxalmente coincidiu com a unificação do mercado mundial) tornou insustentável a ideia de uma história universal. Só uma antropologia impregnada de história ou, o que é o mesmo, uma história impregnada de antropologia poderá repensar a aventura plurimilenária da espécie *homo sapiens* (GINZBURG, 1991: 173).

Todo esse processo não marca apenas uma crise das grandes sínteses, mas, concomitantemente, uma fragmentação do conhecimento histórico, que ficou conhecida como “história em migalhas”¹¹.

Para finalizar este tópico é necessário, ainda, pensar o próprio conceito de social. A crise que se faz referência, no subtítulo, é justamente a que se associa ao deslocamento do macro para o segundo plano em prol do micro. É importante observar isso porque alguns autores, como Hebe Castro, entendem que os campos desdobrados da macro-história social devem ser entendidos como uma evolução. Mesmo que depois ela explique que não quer reduzir tudo ao social (2011: 50). Assim, a crise da história social, a qual se faz referência no

⁹ “Depois de 68, não existirá mais uma nova hegemonia dentro dos estudos históricos, mas uma nova e inédita situação de permanente renovação e mutilação dos distintos pólos produtores das novas linhas de investigação histórica. Não haverá uma única potência na historiografia ocidental, com um modelo a ser seguido, mas grandes polêmicas, obras e autores mais importantes dentro do panorama historiográfico mundial, espalhando-se de modo mais homogêneo e plural por todos os espaços culturais do planeta” (AGUIRRE ROJAS, 2004: 111-112).

¹⁰ Sobre a antropologia histórica ver: BURGUIÈRE, André. “A antropologia histórica”. In: LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVEL, Jacques. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 168-204; BURKE, Peter. *O que é história Cultural?*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 44-67.

¹¹ Sobre o assunto, ver: DOSSE, François. *A História em migalhas: dos Annales à Nova História*. Campinas: UNICAMP, 1994.

título, está diretamente ligada à noção de macro, ou como alguns preferem, à noção de história total.

A nova história

Para Jacques Revel, no texto “Microanálise e construção do social”¹² “(...) a micro-história nasceu como uma reação, como uma tomada de posição frente a um certo estado da história social, da qual ela sugere reformular concepções, exigências e procedimentos” (1998: 16). Contudo, uma observação importante de ser colocada é: será que apenas a micro-história italiana se posicionou frente a noção do macro estabelecida pela história social dos *Annales* até o ano de 1968?

A redução de escala, para utilizar um termo do próprio Jacques Revel, não é uma prerrogativa da micro-história italiana. Isso pode ser notado na nota necrológica de intitulada Fernand Braudel, presente no primeiro volume da revista do ano de 1986, que afirmava que Braudel reprovava a nova postura da revista por considerar que ela dispersava seus interesses “*son projet avait été celui d’une histoire globale, intégrant les apports de toutes les sciences de l’homme. Nous nous livrions à des expérimentations plus locales*”¹³ (ANNALES ESC, 1986 : 6). Portanto, a terceira geração dos *Annales*, estava preocupada com problemas de menor escala, assim como os italianos.

Carlo Ginzburg, no seu texto “O nome e o Como”, de 1989, discute a troca no mercado historiográfico francês e o italiano e observa que “a Itália recebeu mais do que deu” (1991: 169). Para ele a Itália possuía um amplo campo de matérias-primas não explorado, mas a sua historiografia não dava conta de abordá-la. A proposta de Ginzburg é a de que, com a prática da microanálise, seja possível uma troca mais equitativa entre os dois países (1991: 178).

Ginzburg também notou os limites da história social macro e a criticou, mais especificamente da história quantitativa. Ele entende que os dados obtidos através desse modelo acabam por obscurecer e distorcer os fatos se levado em consideração um período de longa duração. Além de a história quantitativa colocar de lado a “vida real”: “(...) a visão de longo período pode ‘gerar uma abstracta, homogeneizada história social, desprovida de carne a sangue, e não convincente apesar do seu estatuto científico” (1991: 171).

¹² Publicado em REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de escala*. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 15-38.

¹³ Tradução livre: “O seu projeto havia sido o de uma história global, que integrava os aportes de todas as ciências humanas. Nós nos entregamos a experimentações mais locais”.

O estado da historiografia francesa na década de 1960, juntamente com a historiografia de outras partes do mundo, mais especificamente, da Inglaterra, dos Estados Unidos e da Itália, forneceu a possibilidade de uma reflexão sobre a prática histórica. No caso da Itália, além de sofrer forte influência da historiografia francesa, estava marcada pela tradição da filosofia da história de Croce e pelas abordagens de Antonio Gramsci, onde se destacava a “história ‘ético-política’, focada na história intelectual, da política e do Estado” (LIMA, 2012: 207-208). É a essa tradição que a micro-história reagiu.

Além das influências de caráter externo, assinaladas acima, as mudanças, em direção a novas perspectivas de abordagem histórica, estava associada a um processo de internacionalização, que foi “marcado por uma intensa mobilidade de pesquisadores, de livros e de modelos de pesquisa. Não por acaso, são as tradições mais consolidadas de investigação no campo da história social que encontram aí seu campo de expansão” (LIMA, 2012: 208).

Um fator que marca, fundamentalmente, as novas problemáticas da disciplina histórica estão, inelutavelmente, associadas à “virada” em direção à antropologia, como defende Peter Burke em *O que é história cultural?*. A micro-história não está longe disso, basta observar o percurso de produção de uma das referências da micro-história Edoardo Grendi, que tendo estudado na Inglaterra trouxe, depois desse período, uma “bagagem heterogênea, formada tanto pela leitura intensa da antropologia econômica e social, quanto pelo contato com a novíssima história social britânica e anglo-americana” (LIMA, 2012: 212).

A respeito da “virada” da história em direção à antropologia, entre as décadas de 1960 e 1990, Burke indaga: “Qual a razão para demanda cada vez maior em relação à antropologia nesse período?”. Ao que ele mesmo responde:

Encontros entre disciplinas, assim como entre culturas, muitas vezes seguem os princípios da congruência e da convergência. O que faz as pessoas de uma cultura se sentirem atraídas por outra é, muitas vezes, a ideia de uma prática análoga à sua própria e, assim, familiar e estranha ao mesmo tempo. Seguindo essa atração, as ideias ou práticas das duas culturas passam a se parecer mais umas com as outras (BURKE, 2005: 56).

Observados esses pontos, é interessante notar que o surgimento da micro-história, chamada inicialmente de microanálise, não foi uma manifestação à parte na historiografia do ocidente, mas seguiu certas tendências, como aproximação com a antropologia, que, além disso, foi direcionada por um processo de internacionalização da disciplina histórica, com trânsito de livros, de profissionais e com a formação de grupos de pesquisa. Não se pode deixar de observar também que a micro-história é, em geral, percebida como evolução da

história social¹⁴, de forma que ela, em conjunto com outras manifestações, tentou encontrar soluções para os limites encontrados pela história social que era marcada pelo macro, pela abordagem quantitativa e serial.

A escala reduzida

A pretensão inicial deste artigo era a de traçar um paralelo entre a micro-história italiana e as pesquisas de Michel Foucault, mais especificamente quando ele aborda a noção de descontinuidade, que quebra com as grandes linhas da história cronológica e insere, nesse contexto, pequenos acontecimentos, como o caso do Pierre Rivière, ou as variações constatadas em sua obra *Vigiar e punir*¹⁵, a respeito do disciplinamento. Foucault, com base na filosofia nietzschiana, propõe, a através da prática genealógica, que é na descontinuidade que a história deve buscar um conhecimento¹⁶ onde “o respeito às antigas continuidades torna-se dissociação sistemática” (1984: 37).

A proposta de ambas as perspectivas em paralelo derivou de duas disciplinas do doutorado, uma sobre história e Foucault e outra sobre micro-história, onde foi possível perceber que as duas tinham como pontos em comum, como a redução de escala. Para Foucault é necessário:

(...) mudar de escala, aumentar proporções, fazer aparecer o grão minúsculo da história, abrir ao cotidiano o acesso da narração. Para operar esta mudança é preciso, por um lado, fazer entrar na narrativa elementos, personagens, nomes, gestos, diálogos, objetos que na maioria das vezes aí não têm lugar por carência de dignidade ou importância social; e é preciso, por outro lado, que todos esses pequenos acontecimentos, apesar de sua frequência e sua monotonia, surjam como singulares, curiosos, extraordinários, únicos, ou quase, na memória dos homens. (FOUCAULT, 1977: 215).

Na mesma linha, de Foucault, de uma desnaturalização, de um dessencialização da história, os micro-historiadores tinham como pretensão “recusar a compreensão do ‘social’ como uma realidade de contornos previamente definidos e estruturados, que o historiador reconhece e na qual deve simplesmente encontrar o lugar coerente do seu objeto

¹⁴ Sobre o assunto ver: CASTRO, Hebe. “História social”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da história: Ensaios de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 2011. p. 46-50.

¹⁵ Sobre as variações discursivas envolvendo a noção de disciplina, ver: *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 131- 214.

¹⁶ “A história, genealógicamente dirigida, não tem por fim reencontrar as raízes de nossa identidade, mas ao contrário, se obstina em dissipá-la; ela não pretende demarcar o território único de onde nós viemos, essa primeira pátria à qual os metafísicos prometem que nós retornaremos; ela pretende fazer aparecer todas as descontinuidades que nos atravessam” (FOUCAULT, 1984: 34-35).

de pesquisa” (LIMA, 2012: 219). O objetivo que fundamentava a micro-história era justamente o de “revelar, por intermédio do estudo intensivo em escala reduzida da trama fina do tecido social, dimensões desconhecidas desse ‘contexto’ e da dinâmica complexa das suas transformações” (LIMA, 2012: 219).

Outro fator foi o período em que o interesse pelo micro se manifestou, na França, com a proposta da coleção *Archives*¹⁷, a partir de 1964; e na Itália com os estudos de Edoardo Grendi, que malgrado a relação com a história social, já manifestavam um interesse acentuado pelo local, sob influência de Jonh F. C. Harrison (LIMA, 2006: 163-164).

O corte desta proposta se deu no momento em que, ao contrário do que se tinha como hipótese no início deste artigo, ficou evidente é que a redução da escala esteve associada a vários fatores, de cunho externo à disciplina, mas também e interno. Assim, apesar da micro-história ser identificada com a historiografia italiana, em um primeiro momento, e à francesa, em um segundo, daí o título do artigo, nota-se que a redução da escala esteve associada a uma dimensão mais ampla.

Para comprovar isso, basta notar os debates na Inglaterra em torno da *from below*, a história “a partir de baixo”; a “virada” antropológica; assim como a internacionalização do debate histórico, mencionado acima. Fora isso, é possível notar uma série de obras heterogêneas que podem ser alocadas sob o título de micro-história: *Montaillou*, de Emmanuel Le Roy Ladurie; *O queijo e os vermes*, de Ginzburg; *O retorno de Martin Guerre*, de Natalie Davis; Thompson¹⁸, no segundo volume de *microstorie*; Jean-Claude Schimidt em *O santo labrador*; *Herança imaterial* de Giovanni Levi¹⁹.

A heterogeneidade dos resultados da micro-história, assim como a falta de um programa, pode ser sentida de forma bastante acentuada na crítica que Ginzburg dirige ao texto *Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão*. Ginzburg

¹⁷ “Fondée par Pierre Nora aux Éditions Julliard en 1964, [...] la collection Archives poursuit son existence aux Éditions Gallimard, sous la même présentation, et avec le même directeur, qui s’est adjoint Jacques Revel. (...) Entre l’érudition scientifique et la littérature historique, la collection Archives se propose de contribuer à l’élaboration d’un genre nouveau : elle publie les sources, elle met le lecteur en contact direct avec les documents dont le montage est confié aux meilleurs spécialistes” (fundada por Pierre Nora para Edições Julliar, em 1964, (...) a coleção *Achives* continua sua existencia nas *Éditions Gallimard*, sob a mesma apresentação, e com o mesmo diretor, que é o adjunto Jacques Revel. (...) Entre a erudição científica e a literatura histórica, a coleção *Achives* se propõe a contribuir para a elaboração de um gênero novo: ela publica as fontes, coloca o leitor em contato direto com os documentos, cuja montagem é confiada aos melhores especialistas) (SMOLNY, 2015).

¹⁸ O segundo volume da revista *microstorie*, iniciada em 1981, organizado por Edoardo Grendi “reunia oito artigos do historiador inglês Edward P. Thompson (alguns dos quais seriam reunidos em alguns anos em *Costumes em comum*)” (LIMA, 2012: 216).

¹⁹ Para Lima é o livro que se tornou a referência mais bem acabada do programa da micro-história (2012: 217).

classifica essa obra de Foucault como portadora de um irracionalismo estetizante, fruto da recusa de análise e interpretação (2006: 17-18). Contudo, a crítica não é a Foucault, mas, especificamente, a esse livro que, como comentado acima, era fruto da proposta da coleção *Archives*, ou seja, tinha, efetivamente, por intenção a publicação de fontes, mesmo que expresse algumas análises sem muito fôlego de alguns pesquisadores aliados a Foucault.

Para finalizar vale voltar a frisar que se havia uma ampla tendência à redução da escala de análise isso não significava que havia uma coerência teórica e metodológica. Para constatar isso, basta observar o próprio caso de Ginzburg e Foucault, citado acima. Ou a disparidade de algumas noções, por exemplo, como a recusa ao estruturalismo Braudeliano, por um lado, como no caso de parte dos micro-historiadores italianos²⁰; e, por outro lado, a sua aceitação, no caso de outros historiadores, como no caso de Ginzburg, que caminha pelo campo das mentalidades para compreender a história de Menocchio, que pressupõe a necessidade da longa duração.

A constatação final a que essa permite chegar é a de que o panorama no qual a micro-história se desenvolveu foi marcado por uma série de acontecimentos externos que tiveram reflexo no campo interno da história, mas que ao mesmo tempo, haviam limites internos que se apresentavam ao ofício e que exigiam uma reflexão mais pontual e da qual a redução de escala, em nível internacional, parece ter sido uma saída no momento, não sendo, portanto, uma manifestação específica da Itália, tão pouco da França, mas uma resposta que parecer ser fruto tanto dos limites históricos, quanto dos limites epistemológicos, quanto da ampliação dos debates.

Referência bibliográficas

AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. *Os Annales e a historiografia francesa: tradições críticas de Marc Bloch a Michel Foucault*. Maringá: Eduem, 2000.

_____. *Uma história dos Annales (1921-2001)*. Maringá: Eduem, 2004.

ALVES, Liette. “A ciência das perguntas gerais e das respostas particulares: entrevista com Giovanni Levi”. *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, v. 6, n. 2, jul.- dez., 2013. p. 249-255.

ANNALES. ÉCONOMIES, SOCIÉTÉS, CIVILISATION. “Fernand Braudel (1902-1985)”. v. 41, N. 1, 1986.

BURKE, Peter. *O que é história Cultural?*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da história: Ensaios de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

²⁰ Lima apresenta duas vertentes da micro-história italiana: a relacional, voltada a Grendi e Levi; e a cultural, voltada a Ginzburg (2012: 218).

_____. *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Essevier, 2012.

CASTRO, Hebe. “História social”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da história: Ensaio de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 41-54.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Portugal: Difel, 2002b.

DESHUSSES, Frédéric. “Etre son propre juge – éléments pour un nouveau dossier Pierre Rivière”. *Carnet de bord*. n. 9, septembre 2005. p. 35-42.

DOSSE, François. *A História em migalhas: dos Annales à Nova Historia*. Campinas: UNICAMP, 1994.

FERREIRA, Marieta de Moraes. “Entrevista com Jacques Revel”. *Revista Estudos Históricos*. FGV, v. 10, n. 19, 1997. p. 121-140.

FOUCAULT, Michel. *Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão: um caso de parricídio do século XIX*. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

GINZBURG, Carlo. “O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico”. In: GINZBURG, Carlos; CASTELNUEVO, Enrico; PONI, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: DIFEL, 1991. p. 169-178.

LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVEL, Jacques. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LEVI, Giovanni. “O trabalho do historiador: pesquisar, resumir, comunicar”. *Revista Tempo*, 2014, v. 20. p. 1-20.

_____. “Prefácio”. In: OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de; ALMEIDA, Carla Maria Carvalho de. *Exercícios de Micro-história*. Rio de Janeiro: FGV, 2009. p. 11-16.

LIMA FILHO, Henrique Espada R. *A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

_____. “Micro-história”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Essevier, 2012. p. 207- 223.

REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de escala*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

ROIZ, Diogo. *Linguagem, Cultura e Conhecimento Histórico: Ideias, Movimentos, Obras e Autores*. Jundiaí: Paco, 2012.

SMOLNY. *La collection des Archives Gallimard Julliard*. Collectif d'édition des introuvables du mouvement ouvrier. Disponível em: http://www.collectif-smolny.org/article.php3?id_article=777 acesso em: 16 de setembro de 2015.

VAINFAS, Ronaldo. “História das mentalidades e História Cultura”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da história: Ensaios de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 117-151.

VEYNE, Paul. *Foucault: o pensamento e a pessoa*. Lisboa: Texto & Grafia, 2009.

Recebido: 05/10/2015

Aceito: 14/12/2015